

JOÃO PEDRO DE ANDRADE

A INIMIGA DOS HOMENS
EVA E SUA FILHA

OBRAS COMPLETAS



TEATRO — III

Carta de José Régio para o Autor



ACONTECIMENTO



JOÃO PEDRO DE ANDRADE

TEATRO — III

A INIMIGA DOS HOMENS



EVA E SUA FILHA

Carta de José Régio a João Pedro de Andrade

ACONTECIMENTO



Título: TEATRO III — A Inimiga dos homens • Eva e sua filha

Autor: João Pedro de Andrade

Revisão: Sílvia Andrade

Composição, Paginação e Grafismo:
ACONTECIMENTO
Estudos e Edições, Lda.

Capa, Impressão e Acabamento:
PENTAEDRO, Publicidade e Artes Gráficas, Lda.
Pt.ª. da República, Lj.B
2675-183 Póvoa de Santo Adrião
Tel. 21 938 10 74 - Fax 21 938 10 83

Colecção NATÁLIA CORREIA
Direcção Editorial de João Marques de Almeida

© 2000

ACONTECIMENTO
Estudos e Edições, Lda.
R. Gil Vicente, 24-Atelier
1300-283 Lisboa
Tel./Fax 21 362 33 09

Depósito Legal N.º 158487/00
ISBN 972-8011-33-4

A INIMIGA DOS HOMENS

1948
1948
A INIMIGA DOS
HOMENS

Peça em 1 Acto

1948

Personagens:

O MÉDICO

O HOMEM

A EMPREGADA

ELA

CENÁRIO

Gabinete de um médico. Lâmpada ao centro. Secretária com um candeeiro apagado.¹

CENA I

O MÉDICO, a EMPREGADA, depois o HOMEM

(Ao levantar o pano, o Médico prepara-se para sair, fazendo menção de despir a bata. No mesmo momento abre-se a porta e aparece a Empregada.)

MÉDICO: Não recebo mais ninguém.

EMPREGADA: Mas, sr. Doutor, está ali um cliente...

¹Atendendo à liberdade que os encenadores hoje tomam na montagem das obras teatrais, permitindo-se alterar as rubricas no intuito de obter os efeitos que julgam mais seguros, e que são, pelo menos, os que mais correspondem ao seu próprio gosto, o autor, para o caso em que esta sua peça suba alguma vez à cena, prescinde de descrever com maiores minúcias o cenário. Assim, conforme o gosto do encenador, poderá tratar-se de um banalíssimo gabinete, de mobiliário e utensílios comuns, ou de um gabinete em que, por hábeis sugestões, desde logo se evoque o ambiente de estranheza e de irrealidade em que há-de desenrolar-se a cena principal. Apenas se recomenda que o ambiente, ou seja a conjugação de elementos já enumerados, e ainda a luz ou os efeitos de luz, estejam de acordo com o tom geral da interpretação. Este acordo pode ser obtido por contraste — se os elementos materiais da encenação forem comuns, certamente não-de chocar-se com a estranheza da anedota, mas esse choque deve ser premeditado e consciente — ou por meios directos: o expressionismo do cenário, adereços e efeitos de luz, conjugando-se com a interpretação, caracterização dos actores, etc.

MÉDICO: Não importa; não atendo hoje mais ninguém, já disse.

(A Empregada vai a retirar-se, mas, antes que a porta se feche, aparece o Homem.)

HOMEM: Tenha paciência, Dr., mas é preciso que me ouça.

(A Empregada fica indecisa. O Médico faz-lhe sinal para que se retire, e ela sai.)

CENA II

O MÉDICO e o HOMEM

MÉDICO *(tornando a ajeitar a bata)*: Aprecio a sua audácia. Mas não julgue que me impressiona. Atendo-o porque quero.

HOMEM: Claro! Nem outra coisa se depreende...

MÉDICO: Pensa que tenho medo de si?

HOMEM: Medo? Que ideia! Não faço tão lisonjeira ideia de mim.

MÉDICO: Que significam então esses ares autoritários?

HOMEM: Não sei se fui autoritário, mas, quando disse «é preciso que me ouça», queria apenas dizer que era preciso que me ouvisse.

MÉDICO: Porque não veio mais cedo?

HOMEM: É sina minha chegar sempre tarde. Oxalá não seja demasiado tarde.

MÉDICO (*fazendo-lhe sinal para que se sente*): De que se queixa?

HOMEM: De tudo e de nada. Talvez que o meu único mal seja viver. Mas tenho um medo horrível de morrer. Sou talvez um doente extraordinário...

MÉDICO (*sentando-se*): Engana-se. É um doente do género mais vulgar. Todos têm medo de morrer.

HOMEM: Sim, mas nem todos o confessam.

MÉDICO: Confessá-lo é uma prova de inferioridade, logo, de vulgaridade. Se se destaca dos outros doentes é por ser de nível inferior ao deles.

HOMEM: Vejo que o pôs de mau humor a hora tardia a que aqui cheguei.

MÉDICO: Se não quisesse não o atendia. Atendo-o apenas porque reconsiderarei, e talvez um pouco por uma questão de humanidade. Mas não quero que me agradeça. Não quero também que essa suposta vitória lhe sirva para se enfeitar com penas de pavão. Todos os doentes são vaidosos. Vaidosos pelo menos da sua doença. Já vi que o senhor é mais vaidoso ainda do que os outros.

HOMEM: Enfim, consente em me reconhecer alguma superioridade.

MÉDICO: Reconheço-lhe todas as superioridades que provêm das inferioridades. Já sei que me vai fazer um mirabolante discurso sobre a sua doença. O que ouvi foi apenas o preâmbulo.

HOMEM: Agora é o Dr. quem se engana. Não penso em fazer nenhum discurso sobre a minha doença, porque não sei sequer qual é a minha doença.

MÉDICO: Não admira. Os médicos é que costumam diagnosticar. Quer enfim dizer-me de que sofre?

HOMEM: Mas já o disse. Ou pelo menos principiei a dizê-lo. (*Levanta-se*). Eu sofro de tudo. Sou o ponto em que se cruzam todos os sofrimentos. Em mim existem, em potência, todos os males que afligem a humanidade. E é isso a minha doença. O Dr. percebe isto? Sim, percebe. Não foi por acaso que o escolhi. Na verdade, não podia escolher outro. A sua incompreensão de início é apenas um reflexo, muito atenuado, da incompreensão com que me brindaria qualquer dos seus colegas que eu procurasse. Mas há segundos que vi nos seus olhos erguer-se, e vejo agora ampliar-se, um clarão de simpatia e de interesse. (*Jogo de cena do Médico durante esta fala: primeiro, interesse não disfarçado; depois, coincidindo com as palavras "simpatia e interesse", aparente despreendimento; por fim, ao longo da fala, volta a mostrar-se pouco a pouco interessado*). Acuda-me, doutor. Sou um desgraçado. A minha saúde é regular, o meu estado fisiológico perfeito, cumpro todas as funções da minha vida animal

com uma pontualidade impecável, e, contudo, sinto-me morrer. Tenho sofrido muito, e cada dia que passa é mais uma jornada de sofrimento a juntar às outras. Dentro de pouco tempo deixarei de ter forças para resistir. O medo da morte tira-me todas as esperanças de poder continuar a viver. Contudo, é ele que me sustenta ao de cima da terra, porque se deixasse um só momento de estar possuído deste terror, sei bem que seria imediatamente vencido, ceifado, liquidado. Não posso viver sem ele, nem com ele. E no entanto vivo. Um só momento de passividade, e pronto. Ah! Mas esta constante sobre-excitação da carne e dos nervos não pode durar mais tempo, porque me mata. Mata-me – e precisamente da morte que eu mais temo. Morro do medo da morte. É paradoxal, não é?

MÉDICO (*levantando-se*): Etc., etc., etc.. Poderia continuar assim por muito mais tempo, mas não vale a pena. Sei tudo quanto poderia dizer-me.

HOMEM: Ah! Sim? Não sou então um doente original?

MÉDICO: Desengane-se. (*Toma-lhe o pulso. Com um sinal, ordena-lhe que deite a língua de fora. O doente executa, com uma careta*). Ótimo. Que doenças sofreu quando criança?

HOMEM: Mas isso é o que se pergunta aos doentes vulgares.

MÉDICO: Já lhe disse que é o mais vulgar de todos os doentes. Quer responder à minha pergunta?

HOMEM: Mas... que sei eu? Tive sarampo, escarlatina, papeira, bexigas doidas.

MÉDICO: E mais tarde?

HOMEM: Adolescente, sofri do peito. Depois, veio o resto. Tenho sofrido dores infinitas. Das mais insignificantes às mais violentas. Não foi só em adolescente que sofri do peito. Isso foi apenas uma iniciação. No fundo, concordo que as minhas doenças têm sido todas imaginárias. Mas assegure-lhe Dr., que sofro tanto como se realmente as tivesse. Sobre qualquer pequena dor num dedo, a minha fantasia construiu catedrais de sofrimento. Desfizeram-se-me os pulmões em sangue, e o coração desmaiou-me, cansado de trabalhar e de batalhar. Estive paralítico e sofri de *delirium tremens*. Quantas vezes enlouqueci eu já? Nem eu sei. Tenho várias vezes padecido de cegueira, e a lepra já cobriu o meu rosto e o meu corpo. Então isto não é sofrer? Não é estar doente? Não é necessitar dum socorro inadiável? Vamos, o senhor é um grande médico. E um sábio. Não guarde para si a sua ciência, egoistamente. Eu sou o mais desgraçado de todos os seus doentes. O mais medíocre, se quiser. Não é a doença uma mediocridade? Admito que não tenha nada de interessante a minha doença, ou a minha suspeita de doença, embora na verdade me seja difícil conceber semelhante despropósito. Julgo até que o meu caso é o mais completo de quantos se apresentaram um dia sob o olhar de um médico. Mas não posso obrigar os outros a pensarem como eu. (*Aproxima-se do Médico*). Pareceu-me há bocado ver nos seus olhos um brilho de interesse. Não era bem piedade. Assemelhava-se a um fulgor de vitória. Não percebo porque era assim, mas era assim. Seria acaso um reflexo de orgulho interior por assistir a um caso de tamanha grandeza? Não sei. Sei que o Dr. me trata rudemente cada vez que toma a palavra, mas desconfio muito da sinceridade dessa rudeza. No fundo, não há aí talvez